

ROLIM DE MOURA E A CRIAÇÃO DO PANTANAL

*Maria de Fatima Costa**

O Pantanal é uma criação luso-brasileira de meados do século XVIII. Foram os monçoeiros paulistas, *los portugueses del Brasil* -usando as palavras do jesuíta José Quiroga-, os autores desta criação. Antes destes, ao descrever o espaço inundável do interior da América do Sul, os textos fazem referência aos diversos países indígenas, ou a acidentes geográficos aos quais atribuíam nomes indígenas, ou ocidentais. Especificamente, a região mais alagada era denominada Xarayes e *Laguna de los Xarayes* ou região inundada.

A primeira definição do Pantanal foi encontrada num texto de 1727, *Pantanal chamam os Cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá*¹. Percebe-se, então, que é uma denominação dada pelos mamelucos paulistas que, durante o século XVIII, passaram a percorrer a região com suas Monções. Estes, ao dominarem o espaço, dominaram também sua imagem constitutiva.

Construindo o ambiente

Inicialmente surge Xarayes. Durante a penetração castelhana na América do Sul, no início do século XVI, os conquistadores nas suas entradas, encontraram um lugar de grandes águas habitado por diferentes povos indígenas, dentre eles os Xarayes -que passaram a emprestar seu nome à região. Logo depois, Xarayes converte-se em uma das portas de entrada para o reino das guerreiras Amazonas e para o Eldorado. Assim, ela foi descrita pelos conquistadores Ulrico Schmidl, Cabeza de Vaca e Ruy Díaz de Guzmán, seus primeiros narradores.

* Maria de Fatima Costa é historiadora da UFMT, Mestre em História Política, Doutora em História Social. A construção do Pantanal foi o objeto da sua tese *Notícias de Xarayes. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*, defendida no Departamento de História da USP em 1997.

Através dos escritos destes intrépidos homens, em meados do século XVI, a região inundável começou a ser conhecida no mundo Ocidental e, em 1601, levada às páginas de Antonio de Herrera - *grande cronista de Índias* -, transformou-se na fabulosa *Laguna de los Xarayes*. Sucessivos imbricamentos entre narrativas e crônicas transmutaram-na em lugar maravilhoso, paradisíaco, habitado por índios possuidores de prata e ouro e fizeram acreditar que as suas águas se constituíssem em mãe vigorosa do majestoso rio Paraguai. Durante mais de dois séculos, o interior da bacia pantaneira foi assim reconhecido.

Só em meados do século XVIII, é que a mesma região passou a ser o Pantanal. A denominação foi dada pelos monçoeiros. Estes, seguindo as rotas abertas pelos bandeirantes paulistas, avançaram além dos limites fixados em 1494, em Tordesilhas e, no início dos anos setecentos, fizeram daquelas águas seus caminhos às novas terras conquistadas. Desconhecendo a *Laguna de los Xarayes* e a geografia castelhana, ao chegarem às águas da planície inundável da bacia do Alto rio Paraguai a denominaram de Pantanais.

Durante alguns anos, a castelhana *Laguna de los Xarayes* convive com o luso-brasileiro Pantanal. Porém, pouco a pouco, as duas imagens vão-se imbricando e os campos alagados pantaneiros se sobrepõem à secular e fabulosa lagoa. Quem realizou este imbricamento foi o nobre português Dom Antônio Rolim do Moura, em 1751, quando viajava à recém-criada Capitania de Mato Grosso. Foi ele quem pela primeira vez registrou a sobreposição destas imagens, acoplando as águas pantaneiras sobre as da castelhana *Laguna de los Xarayes*. Partindo do relato da sua viagem, este artigo tem como objetivo demonstrar a importância de Antônio Rolim de Moura para a criação do Pantanal.

1 - Notícia Prática das Minas do Cuiabá e Goiáses, na Capitania de S. Paulo e Cuiabá, que dá ao Rev. Padre Diogo Juarez o Capitão João Antônio Cabral Camello, sobre a viagem que fez às minas do Cuiabá no ano de 1727, em A. de E. Taunay. *Relatos Monçoeiros*, 1981.

Rolim de Moura e o Pantanal

A narrativa de Dom Antônio Rolim de Moura está na *Relação da Viagem que fez o conde de Azambuja, D. Antônio Rolim de Moura, da cidade de S. Paulo à vila de Cuiabá em 1751*², também conhecida como *Diário de Viagem de D. Antônio Rolim de Moura Tavares*. Trata-se do relato da viagem que este lusitano empreendeu quando foi assumir a governança da Capitania de Mato Grosso, sendo seu primeiro Capitão General. Taunay a catalogou como um "Relato Monçoeiro", ou seja, uma narrativa de viagem realizada por aqueles que, por via fluvial, saíam de São Paulo com destino às Minas do Cuiabá.

Se comparada aos demais Relatos Monçoeiros conhecidos, A *Relação* de Rolim de Moura é a mais completa descrição de uma viagem empreendida por aquelas expedições fluviais e, especificamente, a que melhor descreve a região do Pantanal. Seu autor é um homem culto e bem nascido, tendo sido posteriormente, em 1767, o primeiro vice-rei do Brasil. A presença deste nobre senhor em terras mato-grossenses está relacionada às questões políticas entre Portugal e Espanha para definição de suas fronteiras na América do Sul. Ao elevar Mato Grosso a Capitania, o governo lusitano marca com mais vigor o domínio sobre o território conquistado. Rolim de Moura foi nomeado para este cargo em 1749, em plena discussão dos termos do Tratado de Madrid que, com o princípio do *Uti possidetis*, garantia a cada um dos reinos ibéricos o direito sobre as terras conquistadas, revogando-se, então, os termos do Tratado de Tordesilhas de 1494, ainda vigente.

A *Relação da Viagem* está escrita em forma de carta e dirigida ao *Meu Primo e meu Senhor*. Nela não se menciona data nem destinatário. Acredita-se que tenha sido redigida logo após sua chegada a Cuiabá, em 1751³. O tom é otimista., como um *desafogo e alívio*. Mas,

2 - Taunay, A. de E. *Relatos Monçoeiros*, ob. cit. p.194 a 216. Esta *Relação* foi publicada pela primeira vez na *RHGB*, Rio de Janeiro. Tipografia de João Inácio da Silva. Tomo VII. Também está em Mendonça. Marcos Carneiro de. *Rios Guaporé e Paraguai primeiras fronteiras definitivas do Brasil*. Rio de Janeiro, Biblioteca reprográfica Xerox, 1985. p. 30 a 47. Seu original pertence ao IHGB. Embora desde a sua primeira publicação no título desta *Relação*, Rolim de Moura seja tratado como Conde de Azambuja, ele só recebeu este título em 21/05/1763, cf. Corrêa Filho, 1969: 356.

desde o primeiro parágrafo, a narrativa de Rolim de Moura deixa transparecer as marcas que a exuberante natureza desta parte da América lhe causou: *Rios tão caudalosos, matos tão espessos, e campos tão distantes, que fazem a admiração, principalmente a quem vem de uma terra tão apertada, como nosso reino*, esclarece enfaticamente. O Pantanal surge ao descrever a desembocadura do Taquari. Explica-nos: ali o rio Taquari se divide em muitos braços e sangradouros, pelos quais deságua em larguíssimos campos. Estes, registra Rolim de Moura: *formam pantanais tão largos que a vista se perde para lhe alcançar o fim. Este pantanal, continua o narrador, forma várias baías limpas, e em outras partes marchavam as canoas [!] por cima do capim, e uma casta de erva a que chamam agoiase, que cresce debaixo d'água, e com o lixo e terra que se lhe ajunta, faz tal embaraço que em parte era preciso abrir o caminho com enxadas e machados. Noutras também estavam as ervas à flor d'água, todas floridas de várias cores, o que formava uma vista sumamente agradável*⁴, descreve, oferecendo ao seu missivista a bela paisagem pantaneira.

A água do Pantanal é descrita como *claríssima* e tão parada que *não se lhe percebe movimento, mas sumamente mole, e tão quente que não era preciso esquentar-se para fazer a barba*. Navegando este Pantanal, sua narrativa leva-nos a adentrar o Paraguai-mirim, *que é um braço do Paraguai grande*. Neste trecho, entre tantas águas, tem dificuldade para acertar o caminho: *em partes pelos sangradouros, e em partes ser pantanal que se comunica com outro*⁵; continua descrevendo o labirinto de águas, até entrar no grande Paraguai.

A passagem mais significativa, entretanto, é quando descreve a desembocadura do rio Taquari. É neste trecho que Rolim de Moura oferece a construção do Pantanal. Pela sua descrição, acompanha-se a viagem nas águas do Taquari. Ali se navega por entre sangradouros e baías que se comunicam entre si. Obstruindo o caminho, está a exuberante vegetação aquática que recobre as águas e então chega-se à sua barra, avistando o grande Paraguai. Ao olhá-lo, o narrador deixa-se invadir pelas volumosas águas, e dá ao seu leitor a dimensão daquele rio: *um dos maiores da América*. Mas não é isto o que mais surpreende.

3 - Corrêa Filho, 1969: 355.

4 - Taunay, ob. cit.: 212

5 - Idem, idem.

Neste lugar, além da imensidão do rio Paraguai, ao identificar a paisagem, Rolim de Moura oferece o reencontro com as seculares e castelhanas águas de Xarayes. Ele escreve: *por detrás de suas margens, tanto de uma como outra parte, vão pantanais e baías muito largas, que com ele se comunicam por sangradouros. Em uma delas me afirmou um prático havia marchado em uma canoa doze dias para chegar à terra firme, indo ela remada por dezesseis remeiros: pelo que me parece, que o lago de Xevaes propriamente começa no fim do Taquari, pois desde aquele lugar até às vizinhanças do Mato Grosso; principalmente no tempo das águas, é tudo um pantanal, ficando só descobertos os morros, e alguns pedaços de restingas à borda do rio, de sorte que aquém faz esta viagem naquele tempo lhe custa a achar aonde fazer pouso*⁶. Estava efetuada a identificação.

Antes do Capitão General, todos os relatos luso-brasileiros referiam-se a Pantanais como se este fosse um conceito de domínio comum. Tratando-se do mesmo lugar secularmente identificado como a *Laguna de los Xarayes*, todos os monçoeiros parecem ignorar a existência deste acidente geográfico castelhano.

Embora a paisagem descrita seja a mesma, para os monçoeiros só há lugar para Pantanais. Em Rolim de Moura não. Na sua narrativa, mesmo sendo Pantanais, a região mais inundável da bacia paraguaia reaparece como Xarayes, embora grafada como Xavaes.

Entre todos os relatos monçoeiros consultados, este é o único que reergueu Xarayes, fazendo-a outra vez lagoa, compondo-a na nova geografia. *Pois, explica o Capitão General, desde aquele lugar [a barra do Taquari] até às vizinhanças do Mato Grosso, principalmente no tempo das águas é tudo um pantanal*, associando-as. Por sua identificação, Xarayes começa na barra do Taquari, estendendo-se, em tempo de águas cheias, até Mato Grosso, sendo então um pantanal. Identificando-se as duas paisagens, estava efetuada o amálgama, pela qual o lago de Xarayes se incorporava ao Pantanal.

Todavia, isto não se faz de maneira fortuita ou intuitiva. A estrutura da construção narrativa denuncia que o nobre administrador lusitano tinha conhecimento dos termos sancionados pelo recém-assinado Tratado de Madrid, que reza no seu Artigo VI:(...) *e baixará pelo álveo desde Rio até a sua entrada no Paraguay, desde a qual bocca subirá pelo canal principal, que deixa o Paraguay em tempo secco; e pelo seu álveo até encontrar os Pantanaís, que fôrma este Rio, chamados a Lagôa dos Xarais, e atravessando esta lagôa até à bocca do Rio Jaurú*⁷. Então, o Capitão General, conhecedor destes termos, durante sua viagem monçoeira, buscava encontrar Xarayes no interior das grandes águas paraguaias. E é por isso que, estando na foz do rio Taquari, o futuro Conde de Azambuja imbrica as imagens deste ambiente aquático e escreve: *me parece, que o lago de Xavaes propriamente começa no fim do Taquari*. Vê-se, portanto, que suas palavras o delatam; é como se estivesse a procura deste lugar, como se buscasse reconhecê-lo. Assim sendo, ao encontrá-lo, interpõe a imagem do Pantanal sobre a de Xarayes e as acopla. Seu olhar e sua pena registram a transposição já exposta no Tratado de 1750.

Por outro lado, estudando-se a narrativa de Rolim de Moura junto aos termos do Tratado de Madrid, percebe-se como a nomenclatura portuguesa já determinava o topônimo deste lugar. Nem na narrativa, nem no termo do Tratado, Xarayes obedece à sua grafia castelhana, consagrada universalmente em mapas, Xarayes ou Xaraies, e este é um detalhe curioso. Na versão oficial espanhola do Tratado de Madri, lê-se no mesmo Artigo VI: *y baxará con las aguas de este Río hasta su entrada en el Paraguay, desde cuya boca subirá por el canal principal que dexa el Paraguay en tiempo seco, y por sus aguas hasta encontrar los Pantanos que forma este Río, llamados la Laguna de los Xaraies, y atravesando esta Laguna hasta la boca del Rio Jauru*⁸. E na versão portuguesa a lagoa chama-se Xarais. Esta edição portuguesa é

6 - Idem, 215. O grifo é meu.

7 - Tratado de Limites das Conquistas... Madrid, 1750.

8 - Linea Divisoria de los Estados de las Coronas de España, y Portugal... Madrid, 1750.

bilingüe e publica lado a lado, o texto em português e em espanhol; em ambos, no entanto, grafa-se *Xarais*. Estes dados reunidos mais uma vez reafirmam a *Laguna de los Xarayes* como criação castelhana. Ainda, analisando-se os termos do Tratado, observa-se que a lagoa já não é um acidente geográfico real. Ali estão os *Pântanos que forma este rio* [o Paraguai] e estes é que são chamados a Lagoa dos Xarayes. Assim, a denominação maior já não pertence à lagoa, mas sim aos pântanos, aos Pantanaís; a ênfase não é demasiada: a mesma denominação é dada pelos portugueses do Brasil às regiões alagáveis do interior da América do Sul. Isto leva a afirmar que a autoria da denominação Pantanaís pertence aos mamelucos paulistas que em suas Monções romperam os limites impostos pela linha de Tordesilhas e, nas suas canoas, navegavam por aquelas regiões, denominando a paisagem aquática de Pantanaís.

Vale lembrar, *Pantanal chamam os cuiabanos a umas vargens muito dilatadas, que começando no meio do Taquari, vão acabar quase junto ao mesmo rio Cuiabá*, como bem definiu um monçoeiro em 1727. Isto significa que já no início do século XVIII, o termo mameluco, Pantanal, era o topônimo desta região. Esta palavra, ao suplantar a secular Xarayes como designativo das terras molhadas do interior da América do Sul, até mesmo no texto do tratado de limites, demonstra a supremacia do domínio português sobre aquelas terras, ainda quando estas eram nominalmente castelhanas.

Concluindo, verifica-se que *La Laguna de los Xarayes* foi eclipsada pelo Pantanal no transcurso do século XVIII. Isto demonstra o fato político fundamental da supremacia portuguesa sobre a área conquistada, já que o termo Pantanal como denominativo deste ambiente inundável só começou a aparecer nos relatos de língua portuguesa em meados do século XVIII. Nos textos espanhóis é inexistente.

Inequivocamente, Pantanal ou Pantanaís é uma construção portuguesa, realizada pelos mamelucos que no início do século XVIII, em suas monções, passaram a percorrer as antigas águas dos Xarayes. A criação do Pantanal, portanto, é um fato político que espelha a supremacia lusitana nesta parte da América do Sul; ela surge em

tempos de Demarcação de Limites, quando a coroa portuguesa funda a Capitania de Mato Grosso como instrumento para garantir por *Uti possidetis* o domínio das ricas minas conquistadas além dos limites de Tordesilhas. Mas, como fica demonstrado, o imbricamento da imagem de Xarayes sob a do Pantanal foi realizado pela primeira vez na narrativa de viagem de Dom Antônio Rolim de Moura, inspirado nos termos do recém-firmado Tratado de Madrid.

BIBLIOGRAFIA.

CORREA FILHO, Virgílio Alves. *História de Mato Grosso*. Rio de Janeiro, Instituto do Livro, 1969.

COSTA, Maria de Fátima. *Notícias de Xarayes. Pantanal entre os séculos XVI e XVIII*. Tese de Doutorado defendida na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, USP, Depto. de História. São Paulo, 1997.

HERRERA y TORDESILLAS, Antonio de. *Historia General de los hechos de los Castellanos, en las Islas, y Tierra-firme de el mar oceano*. Assunción, Editorial Guaranía, (1601) 1947.

MOURA, Antonio Rolim de. *Relação da Viagem que fez o Conde de Azambuja, D. Antonio Rolim de Moura, da Cidade de São Paulo a Cuyabá, 1751*. BN. Mss. 10,2, 23 nr.3.

QUIROGA, José. Descripción del Rio Paraguay desde la boca de Xauru hasta la Confluencia del Parana. In: ANGELIS, Pedro. *Colección de Obras y Documentos relativos a la historia antiga y moderna de las provincias del rio de la Plata*. Buenos Aires, Imprenta del Estado. 1836.

TAUNAY, Afonso de E. *Relatos Monçoeiros*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: USP, 1981.

TRATADO DE MADRI. *Tratado de Limites das Conquistas entre os muitos Altos e poderosos Senhores D. João V. Rey de Portugal, e D. Fernando VI. Rey de Espanha, pelo qual fica Abolida a demarcação da Linha Meridiana, ajustada no Tratado de Tordesilhas de 7 de Junho de 1494. Se determina individualmente a Raya dos Dominios*

de huma e outra Corôa na America Meridional. A de Portugal renuncia o direito, que allegava ter às Ilhas Filipinas, pelo dito Tratado de Tordesilhas, e pela Escriptura de Saragoça de 22 de abril de 1529; e cede a Espanha a Colonia de Sacramento, e o Territorio da margem septentrional do Rio da Prata, que lhe pertencia pelo Tratado de Utrecht de 6 de Fevereiro de 1715, como tambem a Aldea de S. Christovão e terras adjacentes, que tinham occupado os Portugueses entre os Rios Jupurá, e Isa, que desaguão no das Amazonas. A de Espanha Renuncia todo o direito, que pelo dito Tratado de Tordesilhas allegava ter á Terras possuidas pelos Portugueses na America Meridional ao Occidente da Linha Meridiana ajustada naquele Tratado; e cede a Portugal todas as terras e povoações da margem Oriental do Rio Uruguay, desde o Rio Ibucuí para o Norte, e a Aldea de Santa Rosa, e outra que estabelicida pelos Espanhoes na margem Orintal do Rio Guaporé com os Plenos Poderes e Ratificações dos dous Monarchas. Assignado em Madrid a 13 de Janeiro de 1750. Impresso em Lisboa. Anno de M.D.CCL na officina de Joseph da Costa Coimbra.

TRATADO DE MADRID. Linea Divisoria de los Estados de las Coronas de España, y Portugal en Asia, y America Acordam por medio del presente Tratado ajustado entre Sus Magestades Catholicas, y Fidelissimo firmado en Madrid à 13 de enero de este año y Ratificado en forma en el qual se examina el derecho que resultó à las dos Coronas por la Bula del Papa Alexandro VI. de feliz memoria, del año de 1493. el Tratado de Tordesilhas de 1494, el de Zaragoza de 1529, el de Lisboa de 1681 y la Paz de Utrecht de 1715 y se terminam felizmente las disputas sobre Limites de los Dominios en el otro Emisferio, que con doño comun de las Monarquias han estado pendientes 258, años. En Madrid. En la Imprenta del Mercurio, por joseph de Orga. Año de 1750.